

"Há uma desconfiança generalizada. Um clima de

Cristina Müller, analista

falando dos efeitos da crise nas bolsas de valores, enquanto o secretário de Política Econômica do Ministério

Elon Brum

22

Brasília, sexta-feira,  
31 de outubro de 1997

~~CORREIO BRASILIENSE~~

EDITORIAL

# Recado da crise

**O** Brasil reagiu bem ao terremoto financeiro asiático. As perdas cambiais, embora expressivas, não põem em risco a estabilidade do Plano Real. O Banco Central monitorou com serenidade o processo e transmitiu tranquilidade aos investidores. O país deu demonstração de maturidade e solidez econômica, mas constatou também que é preciso acelerar o processo de reformas no Congresso.

O presidente Fernando Henrique referiu-se à "muralha" do Plano Real, mas sabe-se que a metáfora só será adequada quando os ajustes estruturais na economia e na organização do Estado estiverem concluídos. O Brasil já obteve consideráveis avanços, sobretudo se considerado o exíguo prazo — os dois anos e meio do governo Fernando Henrique — em que isso ocorre.

O Brasil inclui-se hoje entre os raros países emergentes que exibem simultaneamente estabilidade política e econômica, o que o credencia a receber investimentos de risco, e não apenas os especulativos. Persiste, porém, a preocupação dos investidores internacionais com a conclusão do processo de reformas. Sem que se faça o ajuste fiscal, a estabilidade econômica continuará precária.

O Plano Real sustenta-se em dois pilares: o câmbio sobrevalorizado, que dificulta as exportações, e a taxa de juros alta, que inibe investimentos, gera desemprego e impede o desenvolvimento nacional. Não há, porém, como abrir mão desse estratagema

pura e simplesmente. Seria comprometer tudo o que a sociedade brasileira, via Real, construiu até aqui com tanto sacrifício.

O ministro da Fazenda, Pedro Mallan, está certo: o que o Real poderia fazer por conta própria, em termos de distribuição de renda, estabilidade da moeda e aquecimento da economia, já está feito. Os avanços dependem agora da continuidade e conclusão das reformas. A bola, pois, está com o Congresso.

A discussão prematura da sucessão presidencial, fruto da aprovação da emenda da reeleição, não pode inibir o processo de reformas. Falta ainda um ano para as eleições. É natural que os partidos já cuidem do assunto, mas não ao ponto de paralisar o país.

O terremoto asiático tornará — já está tornando — o investidor mais cuidadoso e seletivo. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) constata no mercado mundial de investidores tendência que nos favorece. Segundo seu presidente, Enrique Iglesias, a instabilidade asiática mudou o foco de atenção dos investidores para a América Latina — e, dentro dela, para sua expressão econômica mais pujante, que é o Brasil.

Pesam, aí, não apenas a estabilidade política, mas as transformações macroeconómicas decorrentes das reformas já empreendidas. O que se espera é que o processo não se interrompa em momento tão vital, o que equivaleria à clássica imagem de alguém que nada, nada e melancolicamente morre na praia.